Sob as ordens de mamãe: Oswald de Andrade e a memória rediviva

Valdemar Valente Junior¹

<http://orcid.org/0000-0001-6190-989X>
<http://lattes.cnpq.br/3088369224758937>

229

Enviado em: 02/11/2018

Aceito em: 17/12/2018

RESUMO: Este artigo tem por objetivo identificar elementos de teor pré-modernista no livro de memórias, *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*, de Oswald de Andrade. Esta obra, escrita no final de sua vida, busca passar a limpo a trajetória do escritor modernista, ao tempo em que identifica elementos responsáveis pela deflagração do maior acontecimento da cultura brasileira no século XX. Tudo leva a crer que Oswald de Andrade pretendesse ser este o primeiro volume de suas memórias, não lhe sendo possível a oportunidade de dar continuação ao projeto dos demais volumes. Por conta disso, a obra limita-se ao único livro que chega ao conhecimento da crítica e do público. No entanto, isso se faz suficiente para que se tenha a dimensão e os fundamentos do que representou a batalha travada pelo escritor, no sentido de trazer para o âmbito da criação artística e literária brasileira elementos da vanguarda em expansão com os quais entra em contato em sua primeira viagem à Europa.

Palavras-chave: Pré-modernismo. Memória. Criação literária. Movimentos de vanguarda.

ABSTRACT: This article aims to identify elements of pre-modernist content in the book of memories, *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*, of Oswald de Andrade. This work, written at the end of his life, seeks to clarify the trajectory of the modernist writer, while identifying elements responsible for the outbreak of the greatest event of Brazilian culture in the twentieth century. Everything leads one to believe that Oswald de Andrade intended this to be the first volume of his memoirs, and he was not given the opportunity to continue the project of the remaining volumes. Because of this, the work is limited to the only book that reaches the knowledge of the critic and the public. However, this is enough to have the dimension and the foundations of what represented the battle waged by the writer, in order to bring to the scope of Brazilian artistic and literary creation elements of the expanding avant-garde with which he comes into contact in his first trip to Europe.

Keywords: Pre-modernism. Memory. Literary creation. Avant-garde movements.

A história do Modernismo brasileiro antecede a Semana de Arte Moderna em quase uma década, a partir do momento em que Oswald de Andrade retorna da Europa, atendendo a um chamado de sua mãe, que se apresenta em estado terminal. A volta a São Paulo prenuncia o momento em que o avanço industrial concorre para dotar a cidade da condição de maior centro industrial do país, ao catalisar a energia produtiva aí depositada para o âmbito da renovação do conceito de se fazer arte, até então emparedado aos esquemas totalizantes de que a poesia parnasiana é o melhor exemplo. Assim, diante do clima que se impõe à atividade cultural do país, os prodígios da técnica, aliados às manifestações da arte de vanguarda, com os quais entra em contato, não repercutem no convencimento de seus

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente da UCB. E-mail: valdemarvalente@gmail.com

colegas de geração, ainda embevecidos pelos contornos de retórica e eloquência do Parnasianismo. Disso decorre o descompasso que separa as propostas de renovação da poesia diante do quadro vigente, quando passa a buscar o apoio de diferentes representações da cultura com vistas à deflagração do Modernismo, no sentido de subverter essa ordem, de concepção conservadora.

Nesse sentido, *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* dá conta das idas e vindas de um escritor atribulado, a partir de seguidas mudanças que redefinem sua vida pessoal, bem como se refletem no quadro social e político vigente no país. Na verdade, o esboço dessas memórias começa pelo fim, quando a doença o atinge e a morte se anuncia, retrocedendo em seguida à cronologia dos acontecimentos que marcam sua infância e sua presença à frente do movimento deflagrado contra a tradição arraigada parece não ter fim. Diante disso, Antonio Candido nos acrescenta: “E assim compreendemos em que medida há nele a permanência da infância, que este volume mostra. A norma lhe aparece como limite, e a sua sensibilidade busca o ilimitado”. (1976, p. 4). De fato, o prolongamento dos valores positivistas, de que se serve a ideologia dominante na Primeira República, estende-se às formas da arte, representadas pelo beletrismo postizo de Rui Barbosa, Coelho Neto e Olavo Bilac, entre as mais significativas representações do poder nas letras. Assim, a memória de Oswald de Andrade dá conta do que representa a resistência encontrada, por ocasião de seu retorno ao Brasil, quando a hipótese de virem à luz da cultura os elementos do Futurismo, como se definem, grosso modo, os movimentos de vanguarda, são alvo da ironia de uma juventude de palheta e *plastron* que ainda se encanta com os ecos do *fin-de-siècle*. Diante disso, tem início uma batalha que parece não ter fim, mesmo diante do que pode vir a representar uma vitória.

Por esse meio, os desdobramentos da política literária que Oswald de Andrade empreende repercutem no evento modernista como expressão de uma investida que se faz necessária ao processo de atualização de um país de estrutura arcaica, que confirma em sua produção literária o sentido retrógrado de um século que parece não ter tido início. Em vista disso, tem efeito a peregrinação de Oswald de Andrade no sentido de granjear a adesão de setores importantes, a exemplo de uma série de escritores que compõem o cenário da *belle époque*. Esse recorte de tempo se constitui em ponto de partida à ação que anos mais tarde se desencadeia com a Semana de Arte Moderna, a partir de uma tomada de posição que conta com adesões de primeiro instante, que em seguida acabam descartadas por não acompanharem o rastro de transformações que passa a ser a medida do Modernismo em seu escopo de expansão. Assim, nomes como Goulart de Andrade, João do Rio e Emílio de Menezes tornam-se moeda corrente nas relações com Oswald de Andrade. A convivência com este último, poeta satírico, sugere a observação de Brito Broca: “Nos grupinhos de cafés e confeitarias, as perfídias encontravam grande ressonância, acumulando sobre a vítima grande carga de ridículo”. (1956, p.46). Do mesmo modo, medalhões do naipe de Coelho Neto e Olavo Bilac, mais tarde convertidos em alvos prediletos da campanha predatória do Modernismo, são protocolarmente visitados. Mais tarde, isso resultará em um dos vários aspectos de uma narrativa da memória que abrange diferentes momentos da trajetória de Oswald de Andrade, em instantâneos que vão de sua infância às vésperas de sua morte, passando pelo intercurso em que produz sua obra.

Os achaques da doença cardíaca que o levaria à morte são o ponto de partida do que chama de diário confessional, quando a visita de Antonio Candido o faz ter a convicção de que uma literatura adquire maioridade por meio de memórias, cartas e documentos pessoais. Diante disso, o relato retorna a seu início, assumindo seu fluxo contínuo a partir da

infância, quando dá vazão à descoberta do sexo, ao passo em que a isso se interpõem as litografias dos santos que marcam presença como registros da devoção católica que fundamenta sua origem burguesa. Em vista do que pode sugerir o título dessas memórias, Oswald de Andrade passa parte significativa de sua juventude sob a tutela de sua mãe como personalidade dominante a lhe traçar o rumo a ser seguido. Daí parece posterior ao retorno de sua primeira vigem à Europa, a partir da impressão que a arte de vanguarda lhe provoca, a diretriz que assume no sentido do processo de revitalização da literatura no Brasil, de que se torna o principal articulador. Desse modo, a ordem dos fatos determina o período que sucede o falecimento de sua mãe, quando seu espírito transgressor assume o lugar que o levaria à condição de figura exponencial do Modernismo. Nesse aspecto específico localiza-se a observação precisa de Marta Rossetti Batista: “O termo Modernismo serve para designar aqueles que, negando os padrões ultrapassados da arte brasileira no início do século, procura desenvolver uma linguagem nova para expressar seu tempo e seu meio”. (2012, p. 214). A necessidade de ser acertado o fuso-horário da cultura brasileira passa à condição de atitude determinante, em vista do que se desenvolve uma série de procedimentos que buscam retirar o país, no plano estético, do marasmo que predomina. Desse modo, *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* constitui-se em valioso relato acerca de alguns dos mais profícuos momentos da criação artística brasileira, a partir do depoimento de um de seus membros mais importantes.

A revolução promovida pelo Modernismo, mais do que a realização da Semana de Arte Moderna pode suscitar, concorre para modificar o plano de visão da criação artística brasileira, que a partir desse momento não voltaria a ser a mesma. O amálgama de cultura que se confirma confere à arte brasileira o papel de rever seus elementos mais recônditos, arri-mando-se aos elementos trazidos da Europa de que Oswald de Andrade terá sido um dos principais articuladores. A relação entre as transformações processadas na Europa e a inércia de uma literatura de fachada que se faz presente no Brasil tem em Oswald de Andrade alguém que consegue promover uma nova ordem a esse debate, processando a demolição de uma tradição que retroage ao limite da estagnação, a partir de propostas de feição conservadora que em nada contribuem para uma revitalização de uma estética caduca. Nesse sentido, a criação literária, sob o viés oswaldiano, possui outra configuração, como observa Alfredo Bosi: “A linha de uma experimentação de uma linguagem moderna, aderente à civilização da técnica e da velocidade”. (1994, p.340). Em vista da tentativa que Oswald de Andrade estabelece, no sentido de desviar o eixo da produção literária no Brasil, desenrolam-se os acontecimentos que fazem de *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* um importante depoimento acerca do Modernismo como deflagrador de uma tomada de posição que modificaria os rumos da cultura no país.

Para além da condição de um memorialismo que ultrapassa esse significado, *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* reitera o lugar de Oswald de Andrade no pódio da literatura brasileira moderna, em vista da eficácia que sua investida visa representar, uma vez que a isso alia-se um espaço de participação ao qual se aliam outros membros a dividirem o papel de conduzir os rumos da nova literatura. Daí esse aspecto de sua obra corresponder à proposição de quem se posiciona diante das ações da cultura moderna no Brasil, em vista do que representam os desdobramentos do que passa a ter lugar como sinal de efetiva transformação. A importância dessas memórias de Oswald de Andrade estende-se da infância à formação de seu pensamento moderno, a partir de seu contato com os movimentos de vanguarda, e seu retorno ao Brasil, o que repercute no implemento de postulados inovadores que contribuem para a configuração de um recorte de cultura inusitado. Por sua

vez, se faz preciso recorrer ao que Lucia Helena observa: “O prazer que o leitor de memórias espera (isto é: o de acompanhar os acontecimentos da vida de seu personagem numa ordem clara e plausível, ainda que sob o *flashback*) é frustrado” (1985, p.92). Diante disso, a sequência dos fatos encaminha-se na direção de um contexto que corresponde a um país que reprocessa sua cultura literária. Nesse cenário, a Primeira República funciona como ponto de partida de acontecimentos relevantes, se for pensada uma ambiência que propicia a possibilidade de demandas que oscilam entre a herança do atraso escravocrata e a precariedade das relações políticas, em vista do que ainda não têm como se afirmar, a partir de uma concepção moderna da cultura.

A herança patriarcal que marca a relação de Oswald de Andrade com São Paulo remete aos cafezais como símbolos da opulência que em pouco tempo concorre para que a antiga vila, acanhada em sua disposição, transforme-se no maior centro industrial e financeiro do país. A isso agrega-se a patrimonialismo crescente, capaz de amalgamar elementos que se configuram em matéria prima de um baronato que marca sua presença, impondo a força do que essa produção pode representar. O café, portanto, constitui-se no filão de um processo de expansão que corporifica o apogeu de uma sociedade que amplia seus lucros à proporção em que a cidade amplia seus espaços. Desse modo, se faz preciso unir o interesse dos negócios familiares às viagens à Europa, na ocasião em que os membros da elite cafeicultora aprimoram seus estudos na França e na Inglaterra. Por esse meio, os jovens bem-nascidos têm a oportunidade de conhecer, para além da formação universitária, o que representam os efeitos de um *fin-de-siècle* que se converte nas formas do Cubismo e do Futurismo como expressões de um fluxo de pensamento e produção artística irreversíveis. Esses são alguns dos elementos de que Oswald de Andrade lança mão, por ocasião de seu retorno ao Brasil. As formas da cultura do século anterior prevalecem na literatura como no registro de um *status quo* a que os jovens poetas se afeitam. Consta que o poema “O último passeio de um tuberculoso pela cidade, de bonde”, de sua autoria, teria sido destruído após ser rejeitado pelos colegas da Faculdade de Direito.

Assim, a partir de *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* tem-se a impressão de haver um movimento entre forças contrárias que, na mesma proporção, atraem Oswald de Andrade tanto para a manutenção de um *status quo* que confirma sua condição de membro da classe dominante quanto a de intelectual interessado em relacionar-se com elementos opostos à sua formação. De fato, nesse ponto parece residir uma questão que se apresenta sem solução, na medida em que as duas condições se mostram presentes em sua trajetória, prevalecendo uma sobre a outra em momentos distintos. O *enfant-gaté*, que compraz do último modelo de automóvel adquirido, convidando os amigos a passear pela São Paulo onde surgem os primeiros arranha-céus, parece não ser o mesmo poeta interessado em discutir os rumos da criação literária brasileira a partir da arregimentação de forças capazes de darem sentido ao movimento que propugna. Essa oscilação confirma-se a partir de uma atuação que passa a deplorar os parnasianos, a quem recorre, em um primeiro momento, do mesmo modo que a Graça Aranha, que emprestaria seu prestígio à Semana de Arte Moderna, sendo em seguida descartado como sinônimo de conservadorismo. A isso, Mônica Pimenta Velloso acrescenta: “O tom dos escritos modernistas é muito mais de perplexidade do que de constatação e testemunho”. (1998, p. 8). A atuação modernista, portanto, decorre de um paradoxo que aproxima a arte de vanguarda dos interesses do baronato do

café. Assim, figuras da expressão de Paulo Prado e Olívia Guedes Penteadó concorrem para que as ideias de Oswald de Andrade encontrem o apoio que lhe fundamenta a atuação.

Do mesmo modo, há que se pensar nas viagens de Oswald de Andrade de São Paulo para o Rio de Janeiro como elo de ligação da política literária que busca entabular em prol do que deseja conseguir. Por esse tempo, São Paulo ainda não se confirmara como centro cultural onde se pudesse contar com a atividade literária que no Rio de Janeiro, por sua condição de capital do país, tem lugar. Daí a necessidade de em São Paulo ter efeito um acontecimento da importância da Semana de Arte Moderna, uma vez que a cidade que não para de crescer experimenta um surto de desenvolvimento que se contrapõe à feição provinciana de poucas décadas antes. No Rio de Janeiro, por sua vez, concentra-se a atividade cultural do que de mais importante acontece no país. Sua condição de cidade cosmopolita lhe permite observar o fenômeno das vanguardas estéticas, correspondendo a isso um nível de interesse apenas episódico. A esse aspecto, Mário da Silva Brito acrescenta: “Oswald de Andrade aproxima-se do que chama de donos do jornalismo, do reclame e da Academia, então a mais prestigiosa instituição de cultura do país”. (1974, p. 31). No caso específico de São Paulo, o crescimento industrial implica na necessidade de importação de elementos que justifiquem essa condição, ao referendar o avanço que potencializa um movimento cultural que *pari passu* a isso corresponda. Daí tornar-se imperativo conciliar a condição da província que se expande com a ausência de um efetivo núcleo de pensamento cultural que lhe proporcione a condição de grande cidade. Mais ainda, a presença da arte moderna em São Paulo observa um ponto de destaque com relação ao Rio de Janeiro, na medida em que a Capital Federal vive os efeitos de uma *belle époque* tardia que se prolonga, a partir dos salões literários e das conferências inócuas proferidas pelos próceres de uma cultura do artifício que reitera as formas de um poder retrogrado que tem efeito com a Primeira República.

Nesse período, fundam-se as bases da atividade cultural que teria lugar na década seguinte, a partir de uma articulação que tenderia a excluir alguns elementos que nesse primeiro momento contribuem para colocar em pauta as mudanças que se impõem. A isso corresponde a participação de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, que sob o pseudônimo de Juó Bananére, toma parte na edição do jornal O Pirralho, ao lado de Oswald de Andrade. Esse periódico de curta duração constitui-se em espaço aberto a sátira demolidora, a partir de um postulado pré-modernista que se confirma como proposição explícita de demolição dos modelos arcaicos que teimam em se sobrepor à avalanche representada pela ação dos movimentos de vanguarda. A isso, Antonio Candido nos acrescenta: “O Modernismo rompe com esse estado de coisas. As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades”. (1976, p. 120). Assim, a luta contra a perpetuação de uma estética de reduplicação do repertório parnasiano ocupa parte significativa do movimento, conferindo-lhe o mérito de funcionar como um caminho sem volta a que se faz preciso seguir sem olhar para trás. O caldo de cultura que nesse período se configura se faz responsável por determinar os rumos da criação artística brasileira durante um tempo significativo, concorrendo para determinar as diretrizes do que viria a desdobrar-se em instâncias futuras. A atuação pré-modernista, portanto, tem em *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* um documento de valor inegável.

O contato que Oswald de Andrade estabelece na Europa com os movimentos de vanguarda incidem em um nível de preocupação com os destinos da produção cultural brasileira de tal modo que não parece haver de qualquer outra parte algo que lhe possa

rivalizar nesse sentido. A capacidade de agregar elementos que possam servir à configuração do que pretende revelar lhe confere a condição do articulador que se estende à do poeta, de cuja originalidade resulta o que de mais inovador o opõe às hostes do Parnasianismo. A isso, Antonio Candido acrescenta: “Realmente antropofágica é a sua visão compreensiva, graças à qual devora, tritura e irmana valores inconciliáveis para o pensamento lógico”. (2006, p. 172). Por esse meio, *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* consolida-se como princípio de oposição ao conservadorismo que predomina nos meios culturais. Esse conservadorismo, por sua vez, funciona como uma extensão da posição oficial ocupada por Olavo Bilac e Coelho Neto como mentores da criação literária. Nesse espaço situa-se, do mesmo modo, a atuação de próceres da política como Rui Barbosa e Pinheiro Machado como expressões de uma ordem que reitera a situação inerente aos descaminhos do país. Nesse contexto, interessa a Oswald de Andrade a verve demolidora e o espírito boêmio de Emílio de Menezes. No entanto, em que pese a lira maldizente que dedilha, ao detratar seus desafetos, nada tem de moderno, sendo mais um a reduplicar a retórica parnasiana, salvando-se disso a fúria com que seus versos destroem a reputação dos versejadores medíocres que cruzassem seu caminho.

Diante disso, verifica-se uma luta de titãs, no que se refere ao espaço cultural que se problematiza, em função dos interesses de ordem oposta que passam a ter efeito. Nesse sentido, a atuação de Oswald de Andrade, mais do que pretender costurar alianças favoráveis à configuração do movimento a que se propõe, tende a estabelecer distinções que reforçam suas convicções, apoderando-se de conceitos fundadores do que em seguida teria seu espaço efetivo no âmbito da criação cultural. Assim, *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* detecta de modo preciso o ambiente de efervescência cultural que em São Paulo assume um viés completamente diferente do que ocorre no Rio de Janeiro. Por esse meio, a observação de Rodrigo Gimenès nos acrescenta: “Para compreendermos a posição histórica ocupada pela enunciação de Oswald, é importante repensarmos o estatuto de seus escritos quando do momento de sua produção”. (2000, p. 139). A diferença de posições, consiste na forma como o investimento oficial atua na Capital Federal, em vista de sua condição de centro deflagrador das ações de natureza política. Em São Paulo, por sua vez, concorre para a transformação da cidade a renda superavitária do café, o que pode ser percebido na expansão do parque industrial a que esse negócio concorre para consolidar. Mais ainda, lucro do café promove a ascensão de uma elite interessada em patrocinar os eventos que, sob seu aval, concorrem para lhe conferir prestígio e projeção. Ao contrário dos industriais, que rejeitam com veemência o Modernismo, os barões do café assumem o lugar de promotores desse evento.

A concepção de São Paulo como cidade que adentra o século XX na condição de centro industrial em desenvolvimento concorre para que o excedente de mão de obra que na Europa perde seus postos de trabalho ocupe posições que acabam por configurar elementos de sua cultura que se integram ao cotidiano da cidade. Em vista disso, a aproximação inevitável entre classes sociais opostas no cenário de São Paulo reitera a isso o acréscimo de elementos formadores de um amálgama que passa a concorrer como termo identitário de relevo. Nesse contexto, a comunidade italiana assume a condição de representante de uma série de termos que vão do dialeto ítalo-paulista à formação do sindicalismo que recrudesce no âmbito das relações de trabalho. Diante disso, não há como negar a presença italiana

como elemento essencial à configuração da cultura moderna em São Paulo, em vista do grau de compromisso com que esse intercuro se relaciona à produção industrial. Do mesmo modo, essa massa trabalhadora agiliza movimentos grevistas que integram ao cotidiano da cidade um clima de insatisfação que se coaduna de à rebeldia dos modernistas como um índice de reação às práticas conservadoras em curso. Em São Paulo, portanto, confirmam-se as condições necessárias ao acontecimento da Semana de Arte Moderna.

A situação da cidade afastada do litoral concorre para que São Paulo associe a relação do trabalho na agricultura com a necessidade de expansão urbana que atrai uma enorme massa de mão de obra para as atribuições da construção civil, da prestação de serviços e da indústria de bens. Nesse aspecto, a cidade reúne diferentes capacitações para a produção com vistas a seu crescimento. O implemento do Modernismo como uma referência indispensável responde a essa ordem. Nesse contexto, Oswald de Andrade apresenta a cena urbana em suas diferentes facetas, a partir das contradições da cidade industrial e caipira, onde a arte moderna encontra forte resistência nos setores marcadamente conservadores da burguesia industrial. Ao que representa a narrativa como expressão da memória, Alba Olmi identifica, trazendo à luz sua valiosa observação: “O pensamento narrativo, aquele pensamento que constrói infinitos mundos possíveis com a linguagem, com as imagens, com as invenções e, sobretudo, com a memória autobiográfica, é a nossa própria natureza”. (2006, p. 31). Vivem-se os anos da Primeira Guerra Mundial, quando o esforço produtivo obriga a industrialização ainda incipiente a expandir-se, por conta da dificuldade de serem importados os produtos essenciais dos países onde se configura o cenário do conflito. A movimentação decorrente da presença dos imigrantes em São Paulo incide na sugestão de que tenham efeito situações favoráveis ao rompimento com a estagnação a que a dinâmica implementada pelo capital privado concorre para agravar.

Há que se pensar acerca de *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* como imagem do escritor no fim da jornada, quando o prenúncio da morte o faz retomar o fio da meada, direcionando-o ao período em que o Modernismo lança seus balões de ensaio no ambiente de transformações inerente a São Paulo como centro deflagrador desse evento. A sequência dos fatos revela o escritor em formação movimentando-se pelos diferentes escaninhos da cidade, entre o atraso e o progresso, ao tempo em que a isso se pode acrescentar o legado de seu contato com a Europa. A esse termo, Antônio Candido observa: “De um homem assim, pode-se dizer que a existência é tão importante quanto a obra.”. (1977, p. 75). A configuração de seu conjunto de ideias não seria viável senão em São Paulo, por conta da dimensão do que representa a informação advinda da Europa que tem como objetivo converter-se em proveito, aliando-se ao surto de desenvolvimento que aí tem lugar. A partir das memórias de Oswald de Andrade, verifica-se o oportunismo de quem se aproveita do que a família lhe concede para representar o duplo papel do cristão convicto, que acompanha o cerimonial religioso que lhe é imposto, e o ateu que se faz representar pela maneira destrutiva com que lida com as imposições do mundo conservador, enfrentando-as de peito aberto. No Rio de Janeiro, entra em contato com João do Rio e sua bizzarria, além de Isadora Duncan, que dança despida na Cascatinha da Tijuca, dando o tom de sua posição.

As memórias de Oswald de Andrade estabelecem relações com diferentes espaços dentro da mesma cidade, também estendendo suas ramificações de São Paulo para o Rio de Janeiro e para a Europa, onde se deflagram as ações que compõem o repertório modernista como estética que define seu projeto. A esse respeito, acrescenta-se a observação oportuna de Maria Augusta da Fonseca: “Há nas páginas de *Um homem sem profissão* pegadas

significativas das importantes transformações da vida social brasileira e das mudanças que Oswald de Andrade operou no campo da linguagem literária”. (2008, p. 54). No entanto, o conjunto das ideias contidas em *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*, do mesmo modo, dá conta da precariedade das alianças que Oswald de Andrade busca estabelecer, em vista do projeto de trazer para seu lado setores que consignariam como adesão ao Modernismo. Diante disso, não há como negar a evidência de poetas que, tendo participado da semana de Arte Moderna, não são senão simbolistas arregimentados no calor da hora, que retornam a suas respectivas posições tão logo a efervescência do movimento arrefeça. Oswald de Andrade, por sua vez, confirma-se como figura singular, a partir de proposições de que parecer ser pioneiro, devendo-se às andanças entre a Europa e o Brasil a condição essencial do que serve de base às transformações que dele dependem. De sua capacidade de aglutinar forças resulta a ação que se deflagra, cabendo-lhe a condição de poeta que radicaliza as propostas que defende.

No plano da memória, os acontecimentos se sucedem, na ocasião em que Oswald de Andrade dá conta de personalidades como Charles Miller, jogador do Paulistano responsável pela chegada do futebol a São Paulo, a quem os garotos imitam em suas jogadas de calcanhar, dando a elas o seu nome. Outra personalidade importante a figurar em *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* trata-se do marinheiro João Cândido. Por ocasião da Revolta da Chibata, Oswald de Andrade encontra-se no Rio de Janeiro, hospedado na casa do escritor Inglês de Sousa, seu tio, quando eclode o movimento envolvendo os marinheiros, logo sufocado pela traição governo Hermes da Fonseca aos anistiados. Daí Oswald de Andrade ressentir-se de sua omissão de jovem burguês, arrimado aos ditames da família que lhe determina o rumo a seguir. No entanto, mesmo sem ter a dimensão exata das reivindicações dos marinheiros insurretos, sente-se intimamente um aliado daqueles homens que tiveram a coragem de enfrentar a ditadura de Hermes da Fonseca, na verdade, um boneco de marionete, manipulado pelo Senador Pinheiro Machado, a liderança que se faz impor a um governo de fachada. Nesse período, reina no Rio de Janeiro uma literatura de salão que contraria suas propostas, como sugere a observação de Nicolau Sevcenko: “O horror ao impulso criativo individual figurava um estado de congelamento da sociedade em que somente a estagnação e a repetição eram premiadas. Aí está a raiz da república dos medíocres”. (1989, p. 216). Diante disso, pode-se ter a dimensão, não apenas do escritor, mas do homem responsável por mudanças profundas na concepção da arte brasileira. Esse período, no que se refere à tomada de consciência de quem promoveria a renovação modernista, repercute com espaço de transformações que têm desdobramentos na década seguinte.

O fluxo dos acontecimentos que se apresentam em *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* insere-se como forma constitutiva da história do país a que a memória de Oswald de Andrade ajuda a configurar, a partir da identificação de elementos que se materializam como referências fundamentais. De seu relato emanam situações que são a própria condição com que a sociedade brasileira se depara, uma vez que nesse ponto parece residir o impasse entre a manutenção de elementos estéticos arcaicos, em desuso e a proposição de uma aventura em direção à moderna como sinônimo de atraso. A leitura que Oswald de Andrade promove acerca das relações sociais no país dão conta do que serve de registro aos flagrantes que observa, noticiando as condições que se apresentam diante do descompasso comum a uma série de setores. A esse respeito, Sonia Brayner observa elementos referentes à narrativa oswaldiana: “A condição textual de indeterminação do sentido vai propiciar a dramatização dessas lacunas numa visão do homem moderno partido em ruínas”. (1986, p. 9). A constatação do que se apresenta em sua carga de obsolescência tende

a significar um dado diante do qual não resta outra alternativa senão a do exercício de compreensão acerca do que nos faz ser diferentes, considerando a necessidade da convivência sem traumas com o descompasso que nos estigmatiza. A atualização proposta pelo Modernismo, no âmbito da criação artística, esbarra nas imagens de um país dominado por oligarquias, o que se contrapõe ao pleno desenvolvimento de São Paulo como termo que destoa desse contexto.

As andanças de Oswald de Andrade pelos diferentes espaços de cultura representam um sinal do que seria logo a seguir o evento que marca a instauração modernista. Diante disso, a atuação incipiente dos anos que antecedem a Semana de Arte Moderna informa acerca de alguém que faz da arte moderna um pretexto às relações que estabelece. O contato com Mário de Andrade, por exemplo, marcaria de modo decisivo o programa inovador que busca efetivar. O encontro acontece por ocasião de uma manifestação de apoio aos aliados, durante o período que marca a Primeira Guerra Mundial, no Conservatório Dramático e Musical, quando Oswald de Andrade, na condição de repórter do Jornal do Comércio, consegue arrancar das mãos de um outro repórter os originais do discurso de Mário de Andrade para ter a primazia de publicá-lo. Desse modo, *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* indica o ponto de onde se deflagra a ação modernista a partir de seus membros mais importantes, o que serve para pavimentar o percurso que dá sentido ao movimento. A conjugação dessas forças, que anos mais tarde se afirmariam, torna-se primordial aos desdobramentos do Modernismo como um valor que se incorpora à cultura do país.

As experiências empreendidas por Oswald de Andrade nesse período correspondem ao desejo de transformação que se faz latente como ambição comum a outros escritores que buscam um caminho alternativo ao predomínio da estética parnasiana como tábula rasa do que se esgota em seus limites. Daí a presença de Oswald de Andrade atrair para seu entorno escritores como Monteiro Lobato, Menotti del Picchia e Guilherme de Almeida, que tomam parte desse instante como parceiros de primeiro momento, não necessariamente assumindo uma diretiva de radicalidade capaz de fazê-los promover experiências estéticas que possam ombrear-se às do autor de *Memórias sentimentais de João Miramar*. A esse respeito, esse romance já parece estar sendo gestado algum tempo antes de seu aparecimento, como demonstram alguns fragmentos contidos em *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*. Nesse sentido, podemos recorrer ao que nos acrescenta Afrânio Coutinho: “Em *Um homem sem profissão*, se esclarecesse o que o personagem memorialista deve aos personagens dos seus romances”. (1968, p.242). Do mesmo modo, o aspecto de diluição que se consumaria na experiência poética contida em *Pau-Brasil* já anunciaria sua presença. Assim, as bases do que viria a se constituir na postura mais radical de Oswald de Andrade, a partir do contato com a prosa cubista e o experimentalismo futurista, já personificam a posição de quem tem a noção exata do significado de sua posição, ao assumir os riscos que dela possam advir.

A radicalidade das experiências de Oswald de Andrade confirma-se em *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, a partir de um livro-caixa transformado em caderno de depoimentos, espécie de *puzzle* composto a várias mãos. Isso corresponde à colagem crítica do somatório de vivências entre Oswald de Andrade e a jovem Deisi, a Miss Cíclone, de cuja relação amorosa decorre a escrita desse livro coletivo. Nesse contexto, a figura de Deisi desempenha um papel singular, uma vez que se constitui em polo de atração a uma série de

amigos que se dirigem à *garçonniere* da Rua Líbero Badaró, no Centro de São Paulo, onde os encontros que aí têm lugar concorrem para que a obra coletiva se amplie como uma extensão do clima favorável à execução de propostas de revitalização de uma estética combalida que tende a sucumbir em meio ao cipoal de tantas nulidades vigentes. Assim, a antropofagia já se mostra um elemento essencial, como observa Maria Candida Ferreira de Almeida: “Reverte essa ordem, propondo a antropofagia como gesto próprio da cultura brasileira, na qual as diversidades se apresentam como inconciliáveis”. (1999, p. 296). Nesse sentido, Miss Cíclone representa um importante elo de ligação de Oswald de Andrade com parte dos escritores de sua geração, na medida em que *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* decorre do somatório de afeto dos que sobre sua presença se debruçam. No entanto, esse clima de saudável euforia chega ao final quando a namorada de Oswald de Andrade vem a falecer em consequência de um aborto, colocando um ponto final no livro escrito a várias mãos.

O testemunho de Oswald de Andrade tende a assumir posições no que se refere à plataforma modernista como situação irreversível diante da qual seu espírito de polemista e articulador cultural não tem como retroceder. As alianças que estabelece com personalidades ligadas aos setores mais conservadores da produção literária desse tempo apresentam-se como índice de uma demanda provisória, atendendo ao interesse imediato de confirmação de um lugar de notoriedade a que se faz preciso ocupar. Por sua vez, a imposição dos tempos implica na definição de situações para as quais torna-se improvável a manutenção dessas alianças, a partir do momento em que expressões da retórica parnasiana convertem-se em inimigas das ações perpetradas pelos modernistas. É o que se observa, a partir da avaliação precisa de Alfredo Bosi: “Só um grupo cuja curiosidade intelectual pudesse gozar de condições especiais como viagens à Europa, leitura dos *derniers cris*, concertos e exposições de arte, poderia renovar efetivamente o quadro literário do país”. (1994, p.377). O resultado desses encontros nem sempre são satisfatórios, uma vez que a isso se acrescentam impasses que dificultam a aceitação da arte moderna como elemento capaz de determinar os novos rumos da cultura do país. A isso corresponde a posição definida de um conservadorismo que se alia aos privilégios e interesses de setores das letras ligados ao poder.

Além desses fatos, *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* aponta na direção de outros acontecimentos que o credenciam à condição de testemunho marcante. Disso decorrem as anotações acerca de eventos como a Revolução Russa e o Armistício de Paz, no final da Primeira Guerra Mundial, que repercutem no Brasil, por conta da área de interesse internacional a que se aliam as exportações como base da economia. O clima de tensão decorrente da presença de grande contingente de imigrantes em São Paulo determina os rumos de um processo de politização a que se alia o anarquismo, bem como setores ligados ao comunismo como expressões do pensamento a que a condição de uma cidade industrial acaba por agenciar. Segundo Haroldo de Campos, o ambiente vivido por Oswald de Andrade concorre como elemento em sua ficção e em suas memórias: “Todas essas figuras são basicamente extraídas do ambiente em que circulava Oswald na São Paulo anterior e contemporânea à Primeira Grande Guerra”. (1971, p. 21). Do mesmo modo, a deflagração da greve geral liderada por italianos e espanhóis atua de modo a politizar a classe trabalhadora brasileira. São esses os anos de uma tomada de consciência que atinge seu ponto mais elevado nas décadas seguintes, quando recrudescer o Tenentismo e a Coluna Prestes, tendo lugar a fundação do Partido Comunista Brasileiro.

Assim, *Um homem sem profissão; sob as ordens de mamãe* funciona como recorte de tempo

que alarga seu horizonte na direção do acontecimento modernista como uma proposição que a isso se antecipa. Além disso, a forma através da qual se efetiva a abordagem de Oswald de Andrade atua como parte de um processo que tem sua origem em seu retorno da Europa, a partir de seu contato com os movimentos de vanguarda. A isso, Oswald de Andrade esclarece: “Este livro é uma matinada. Apesar de ser o livro de orfandade. Em 1912, chegando de minha primeira viagem à Europa, e encontrando morta minha mãe, nos mudamos logo de moradia, eu e meu pai”. (1976, p. 3). O que disso decorre se constitui na matéria prima que traz à luz os elementos significativos do movimento de maior voltagem na história da cultura brasileira. A sucessão dos fatos induz à configuração de uma memória que se mostra eficiente, no que diz respeito ao lapso de tempo fundamental ao implemento das bases do que viria a ser o Modernismo. Diante disso, é possível afirmar que a forma como se manifesta a ação modernista teria sido outra se não interferisse o fato de Oswald de Andrade ter congregado forças capazes de subverter posições estéticas totalizantes e conservadoras.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. **Um homem sem profissão**: sob as ordens de mamãe. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Civilização Brasileira, 1976.
- ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. **Tornar-se outro**: o topos canibal na literatura brasileira. São Paulo: Annablume, 2002.
- BATISTA, Marta Rossetti. **Escritos sobre arte e Modernismo brasileiro**. São Paulo: Prata Design, 2012.
- BRAYNER, Sonia. A ficção brasileira modernista: 1922-1956. In: **Estudos de Literatura Brasileira**: Modernismo. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1986.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo brasileiro**: antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil**: 1900. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.
- CAMPOS, Haroldo de. Miramar na Mira. In: ANDRADE, Oswald de. **Memórias sentimentais de João Miramar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- CANDIDO, Antônio. Antropofagismo. In: ABDALA JR., Benjamin; CARA, Salete de Almeida. (Orgs.). **Moderno de nascença**: figurações críticas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006.
- _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- _____. Prefácio inútil. In: ANDRADE, Oswald de. **Um homem sem profissão**: sob as ordens de mamãe. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Record, 1968.
- FONSECA, Maria Augusta da. **Por que ler Oswald de Andrade**. São Paulo: Globo, 2008.
- GIMENES, Rodrigo. Oswald de Andrade: literatura como política. In: **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: UNICAMP, 2000.
- HELENA, Lucia. **Totens e tabus da modernidade brasileira**: símbolo e alegoria na obra de Oswald de Andrade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

OLMI, Alba. **Memória e memórias**: dimensões e perspectivas da literatura memorialista. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989.

VELLOSO, Mônica. P. A literatura como espelho da nação. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1998.